

DOS “TIPOS” BRASILEIROS DE ALBERT ECKHOUT AOS “CIVILIZADOS” DE DEBRET: A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DO BRASIL

Autores: Richard Santiago Costa (richard.santiago@hotmail.com) e

Maria de Fátima Morethy Couto (mfmcouto@iar.unicamp.br)

Unidade: INSTITUTO DE ARTES/ UNICAMP

Agência Financiadora: Fapesp

Palavras-chave: Etnografia – Imaginário – Representação

Introdução:

A presente pesquisa tem por objetivo estudar algumas obras de dois importantes artistas estrangeiros que estiveram no Brasil em épocas distintas: Albert Eckhout (século XVI e XVII) e Jean-Baptiste Debret (século XIX). Aqui, eles retrataram os habitantes de nosso país bem como seus *modus vivendi*, legando para a posteridade importantes fontes de pesquisa não só para as artes visuais mas também para os estudos de iconografia brasileira. Além disso, buscamos investigar as influências de tais imagens na formação do imaginário europeu sobre o Novo Mundo.



Albert Eckhout:
Índio Tarairiu



Albert Eckhout:
Índia Tarairiu



Albert Eckhout:
Índio Tupi



Albert Eckhout:
Mulher Tupi com
Criança



Albert Eckhout:
Mulato



Albert Eckhout:
Mameluca



Albert Eckhout:
Guerreiro Negro



Albert Eckhout:
Negra
com Criança



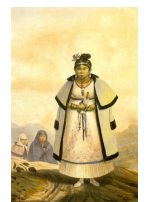
Debret: Índia
Camacã



Debret: Índio
Camacã-
Mongoio



Debret: Índios
Guaranis
Civilizados,
cultivadores ricos



Debret: Índia Guarani
Civilizada a Caminho
da Igreja em trajes
domingueiros



Debret: Mulata a
caminho do sítio para as
festas de Natal



Debret: Primeira saída
de um velho
convalescente



Debret: Vendedor
de cestos



Debret: Vendedor
de arruda



Debret: Manhã de
quarta-feira santa

Eckhout e Debret, guardadas as devidas distinções de tempo e conjuntura social e política que influenciaram suas obras, não só contribuíram inegavelmente para a construção de uma imagem do Brasil para o mundo, como também foram influenciados por todos os mitos e relatos anteriores aos deles que versavam sobre essa parte desconhecida do planeta. Sendo assim, suas pinturas e aquarelas representavam mais do que simples imagens que adentravam seus olhos: eles também construíram realidades nas quais acreditavam por mais fantasiosas e irreais que pudessem parecer.

Dessa forma, Eckhout realizou uma série etnográfica em que pretendia construir uma alegoria dos estágios civilizatórios dos habitantes do Brasil Holandês: o casal de índios tarairius seriam os mais selvagens; o casal de índios tupis, os aliados na empresa açucareira; o casal de mestiços, a união da força do índio e do negro com a inteligência superior do branco europeu; e por fim, os negros das colônias fornecedoras de escravos do continente africano sob julgo flamengo. Com isso, uniu o real e o alegórico em pinturas que expressavam mais que meros retratos naturalistas de habitantes do Brasil: eram também uma exaltação ao êxito do governo de Nassau e da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil.

Já o francês Debret procurou retratar o cotidiano dos “civilizados” na corte carioca, privilegiando as atividades diárias de brancos e negros escravos, por vezes retratando índios que na maioria dos casos ele não viu de fato. Contudo, as aquarelas que deram origem à *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* faziam parte de um projeto maior de Debret de unir imagens e textos explicativos das mesmas de sua autoria objetivando demonstrar a evolução e os progressos do povo brasileiro com a chegada não só da Família Real em 1808 mas também, da chamada Missão Artística Francesa. Por vezes, Debret idealizou e exagerou nas cores que viu. Mas inegavelmente, produziu um documento de grande importância para a iconografia brasileira oitocentista.

Resultados e Discussões:

Albert Eckhout nasceu em 1610 na cidade de Groningen, na Holanda. Pouco se sabe sobre ele antes de sua vinda para o Brasil em 1637: sabe-se que ele já fazia parte do círculo social do Conde Maurício de Nassau para quem viria a trabalhar em diferentes ocasiões. Sua formação e iniciação artísticas devem-se a seu tio Gheert Roeleefs, pintor conhecido pelo arquiteto oficial do Conde, Jacob Van Campem. Assim, Eckhout integra a comitiva do Conde Nassau que vem para o Brasil em 1637 e aqui permanece até 1644.

Jean-Baptiste Debret nasceu em Paris em 1768, onde frequentou o ateliê de seu primo, o pintor neoclássico Jacques-Louis David. Com ele foi para Roma em 1784, onde auxilia David no célebre *O Juramento dos Horácios*. Assim, após anos de uma sólida formação artística, e depois de fazer parte do círculo de pintores do imperador Napoleão Bonaparte, Debret parte para o Brasil, sob a direção de Joachim Le Breton juntamente com outros companheiros artistas franceses, como pintor de história do novo empreendimento a ser realizado aqui: a formação de uma Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro, então capital do país.